

Macau e a Arquitectura Militar na Ásia Oriental: Contexto, Redes e Influências

Durante vários séculos, as fortificações chinesas influenciaram as construções militares na Ásia. Durante o século XVI, povos ibéricos — portugueses e espanhóis — chegaram ao Sudeste Asiático, trazendo tecnologia militar, como canhões e armas de fogo, influenciando a guerra e o resultado histórico-político na China, Japão e Coreia. Com Macau como base portuguesa, mas sobretudo como plataforma para os jesuítas instruídos, como por exemplo Luís Fróis, que conheceu membros da elite do Japão e apresentou conceitos tecnológicos e científicos ocidentais. O senhor da guerra Oda Nobunaga, um daimio, senhor feudal, de uma pequena província no centro do Japão, alcançou rapidamente a supremacia militar usando com sucesso a tecnologia e as táticas ocidentais na arte da guerra na sua luta pela unificação do Japão. Ele também revolucionou a construção de castelos no Japão com a construção do castelo-palácio de Azuchi, adoptando muitos elementos dos castelos europeus, com inovações que revogaram os antigos modelos japoneses. Há uma forte possibilidade de que estas inovações foram possíveis através da influência portuguesa e jesuítica. As forças portuguesas de Macau

também ajudaram os últimos restos da dinastia Ming a combater as forças invasoras Qing. Ao longo de vários séculos, Macau desempenhou um papel importante na luta contra os piratas na região. A consolidação do xogunato Tokugawa (1615) no Japão e da dinastia Qing (1644) na China iniciaram um longo período de paz. A evolução da arquitectura militar praticamente estagnou. Actualmente, as fortalezas sobreviventes são adaptadas ou restauradas como importantes bens educacionais para o turismo cultural, principalmente no Japão. Vários castelos japoneses do século XVII foram reconstruídos no século XX.

O objectivo deste artigo é analisar as influências de Macau nas acções militares e na arquitectura da Ásia Oriental, bem como contextualizar os cenários históricos. As conclusões deste artigo mostram o importante papel de Macau nas acções militares e a influência dos missionários e negociantes na evolução da arquitectura militar japonesa, tendo em conta o caso de Azuchi, primeira torre feudal, torre de menagem, local de residência e administração, que serviu como inspiração para centenas de novos castelos e cidades-castelo. Finalmente, na região vizinha a oeste de Macau, em Kaiping, ressurgem as fortalezas de estilo europeu, conhecidas como *diaolou* que fazem parte do Património Mundial. (Autor: Francisco Vizeu Pinheiro, pp. 6–39)

Modernizar Macau: Obras Públicas e Planeamento Urbano na Rede Imperial (1856–1919)

Esta tese centra-se no período da década de 1850 até ao início do século XX, durante o qual se assistiu à transformação e expansão planeadas da paisagem urbana de Macau. Concretamente, o trabalho pretende documentar e analisar os projectos de obras públicas e outras intervenções urbanas directamente encomendadas ou fortemente influenciadas pela administração do Ultramar português, com o objectivo de preencher uma lacuna no conhecimento actual sobre a história da transição desta antiga província para a modernidade.

Enquadra-se no contexto do “longo século XIX”, dentro da chamada era do imperialismo e do seu correspondente sistema urbano mundial, no qual as principais cidades do mundo foram ficando progressivamente interligadas, trocando não só pessoas, conhecimentos, imagens e ideias, mas também capital, trabalho e bens.

Como se o mundo se tivesse tornado, graças à influência da rede dos impérios ocidentais, uma vasta cidade interdependente, fomentada pelo progresso das infra-estruturas de transportes e comunicações. O propósito deste estudo é, portanto, de apresentar um caso de estudo local numa

perspectiva global a fim de que, por sua vez, esta análise possa cultivar uma narrativa global mais informada e mais consciente em termos locais dos processos de modernização urbana.

Pretende também contribuir para reforçar os laços entre a investigação histórica com base em fontes primárias sobre a modernidade urbana ocidental no “longo século XIX”, e a reavaliação do seu valor patrimonial. Esta é uma ambição mais operacional, que vê na história do planeamento urbano moderno um valioso recurso para elaborar estratégias mais informadas e mais integradas de conservação e gestão das paisagens urbanas, ou em relação ao Centro Histórico de Macau, classificado pela UNESCO, ou qualquer outro contexto semelhante através do mundo europeu, por falta dos conhecimentos sobre a paisagem urbana moderna, esta possa estar a ser vítima de pressões várias e irreversíveis com graves danos patrimoniais.

(Autora: Regina Campinho, pp. 40–66)

Explorando a Posição da Igreja Católica em Macau

Conhecida como a “Cidade do Nome de Deus do Porto de Macau”, no século XVI, Macau superava muitas cidades ocidentais no que respeita ao número

de igrejas e capelas por milha quadrada. O seu nome de credo religioso conferiu um sentido de importância para Portugal e Roma. Sobretudo, marca um poder simbólico no Extremo Oriente. No seu período inicial, a Igreja foi a principal provedora de serviços médicos, educacionais e sociais para a cidade. A certa altura, o catolicismo também foi utilizado como privilégio para adquirir mobilidade ascendente, um fenómeno peculiar que existiu durante o período colonial.

Este artigo explora as diferentes posições da Igreja Católica e as causas que prejudicam o seu papel no sector do serviço social local. As mudanças sociais cruciais de meados da década de 1960 e meados da década de 1970 também serão analisadas na tentativa de demonstrar as mudanças sociopolíticas que moldaram a Igreja Católica e a sua população em Macau de hoje.

(Autores: Margarida Cheung Vieira, Zhixin Feng, pp. 67–78)

200 Anos de Navegação Espanhola em Cantão e Macau (1640–1840)

A navegação espanhola em Cantão e Macau de 1640 a 1840 recebeu recentemente maior atenção dos académicos, mas a história ainda permanece um pouco ambígua. O comércio

espanhol de ópio no final do século XVIII e no início do século XIX teve ampla cobertura nos últimos anos, mas o número de navios envolvidos e muitos outros aspectos do comércio continuam incompletos, vagos e obscuros. Este resultado foi especialmente verdadeiro para os anos de 1700 a 1785, alvo de pouca atenção académica.

No nosso ponto de vista, com o acesso às novas informações agora encontradas, é possível preencher algumas dessas lacunas. Com base em dados históricos, torna-se possível constituir uma lista mais completa dos navios espanhóis do Delta e perceber alguns dos problemas. O comércio espanhol no Delta foi muito importante por vários motivos: os navios trouxeram grandes quantidades de prata para a China, o que ajudou a financiar o comércio; os seus pequenos navios exportavam enormes quantidades de valiosa seda, o que significava que as suas cargas eram de valor muito superior ao de um navio maior; e importavam grandes quantidades de ópio e arroz. Embora o resultado das trocas comerciais pudesse ter sido melhor sem o ópio, muitos chineses teriam sofrido significativamente se o arroz

espanhol não chegasse. Os espanhóis desempenharam um papel complexo no desenvolvimento de Macau e do Delta, merecendo um lugar de destaque na história do comércio.

(Autor: Paul A. Van Dyke, pp. 79–111)

Macau na Instituição Parlamentar Portuguesa — Um Percorso

As Cortes Constituintes iniciadas em Portugal em 1821 deveriam ter a representação de Macau e de todas as outras partes da monarquia portuguesa. Contudo, devido a razões relacionadas com a evolução local e nacional, esta presença macaense atrasou-se. Apesar disso, sem a mesma categoria, em 1822 Macau enviou um representante, a dar a conhecer as questões que interessavam ao território. Este acontecimento inaugurou uma presença que, de forma mais ou menos efectiva e com diversos cambiantes, se manteve durante o tempo da administração portuguesa em Macau.

Este artigo procura mostrar os elementos mais destacados desta presença de Macau no parlamento português, considerando as questões mais gerais que a pressupuseram, os actos eleitorais realizados, as personalidades escolhidas e as temáticas salientes, conforme o estudo mais vasto que se realizou. (Autora: Célia Reis, pp. 112–123)

Entre Macau e Lisboa: a Difícil Representação no Início do Liberalismo

A Revolução de 1820, em Portugal, levou a uma transformação dos poderes, agora separados e em que a representação nacional tinha um papel relevante, conforme as teorias liberais. Conhecida com atraso em Macau, teve aqui ecos importantes.

Não obstante habitualmente se atribuírem às autoridades estabelecidas o interesse na continuidade do absolutismo, encontramos indícios da sua adesão ao novo regime. Ao mesmo tempo, o momento foi aproveitado pelos seus opositores com a intenção de os afastar.

Estes acontecimentos desenrolaram-se numa constante chamada à Constituição e às Cortes, o órgão legislativo e para onde se esperava virem a eleger-se representantes locais. Contudo, a distância espaço-temporal que separavam Lisboa e Macau contribuíram para que esta representação ficasse adiada.

(Autora: Célia Reis, pp. 124–140)

António Correia: o Escritor e a Sua Obra Literária

O presente artigo resulta de pesquisa documental, tanto da obra literária como de artigos sobre essa obra e o seu autor, bem como de

elementos obtidos em diálogo com António Correia, um poeta e prosador português com presença em Portugal, Angola, Macau e Brasil. Pretende despojar-se esta narrativa de subjectivismos, mantendo um juízo crítico independente, visando contribuir para um mais profundo conhecimento e uma maior divulgação dos contos, romances e poesia de António Correia.

Com recurso a uma metodologia basicamente cronológica registam-se algumas das principais notas biográficas de António Correia, relacionando o seu percurso de vida com o desenvolvimento da sua vida literária. E para além disso, episodicamente acrescem incursos nos conteúdos, com o almejado objectivo de uma abordagem sintética e necessariamente incompleta da vida e obra literária deste autor, especialmente em aspectos relativos à vivência em Macau, apaixonadamente reflectida na sua obra literária.

Ao elencar a obra publicada deste autor abre-se a porta para a sua leitura e análise crítica e contextualizada, concluindo que cada palavra resulta de um universo individual e social vivenciado na primeira pessoa e da vontade de dar vida aos pensamentos e sentimentos que marcaram um percurso singular de vida.

(Autores: Jorge Bruxo, Lurdes Escalreira, pp. 141–159)